

RELATÓRIO

Missão Francesa ao Brasil

Agosto de 2018

1. Programa de trabalho da primeira missão francesa do projeto no Brasil (agosto de 2018) - *Julie Métais, finalmente, não pode viajar por motivos de saúde*

- Segunda-feira, 20 de agosto, Porto Seguro (UFSB/CSC): I Simpósio Internacional de Temáticas Indígenas do PPGES (ver programa em anexo)
- Terça-feira, 21 de agosto, Porto Seguro: I Jornadas de Antropologia na UFSB (ver programa)
- Quinta-feira, 23 de agosto, Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ:
 - Manhã: palestra de Alban Bensa "Antropologia e história colonial";
 - Tarde: reunião do projeto CAPES-COFECUB com a equipe brasileira e parte da equipe francesa (ver item 3 deste relatório)
- Sexta-feira, 24 de agosto, Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ: Seminário "Diálogo entre Brasil e Oceania: antropologia histórica" (ver programa em anexo).

2. Relatório da estadia de Alban Bensa (19/08 a 27/08)

As reuniões muito bem organizadas em Porto Seguro e no Rio de Janeiro para o lançamento de nossa colaboração científica e pedagógica no âmbito do projeto CAPES-COFECUB foram particularmente produtivas. As apresentações e debates foram concentrados em três dias na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e depois no Museu Nacional, UFRJ, enquanto discussões mais informais foram desenvolvidas a cada dia com João Pacheco de Oliveira e Pablo Barbosa, muitas vezes acompanhados por outros pesquisadores, todas em um clima amigável e estudioso.

O desejo compartilhado de estruturar da melhor forma possível as atividades do projeto para entregar resultados tangíveis dominou nossas trocas. A tarefa não é fácil, pois os americanistas e oceanistas não têm conhecimento *a priori* compartilhado de forma detalhada sobre as duas áreas envolvidas. Cada um dos dois grupos possui apenas conhecimentos sobre uma delas. Portanto, ao embarcar nessa colaboração, são nossas convicções teóricas e metodológicas que nos unem: a necessidade de articular a antropologia à história (em particular à história local situada caso a caso) e à necessidade de investigações de primeira mão que não se prendam exclusivamente nos arquivos ou na experiência de campo, mas que combinem as duas perspectivas.

As conferências, apresentações e intervenções durante os debates nunca deixaram de pensar nessa situação sem nunca perder de vista os pontos de vista que inscrevem nossas pesquisas nos atuais contextos políticos tanto no Brasil e como na Oceania Francesa. As populações que mobilizam nossa atenção científica são, de fato, objeto de longa data e até hoje de violência física e simbólica, relacionada às políticas de Estado e que os antropólogos devem integrar em suas análises. Assim, a história e o trabalho de campo têm sido constantemente associados à cumplicidade explicativa do método, da teoria e do

pensamento político mais amplo. É pensando no intrínseco diálogo desses três requisitos que estabelecemos pontes entre nossas experiências americanistas e oceanistas, baseadas em certa radicalidade de pensamento e ação que não dissocia a priori as interações entre relações de sentido a longo ou médio prazo e as relações de poder a curto prazo.

Deve-se dizer ainda a esse respeito que os contextos político e ideológico se prestam tanto no Pacífico quanto na América Latina. Como pano de fundo para nossas intervenções formais ou mais espontâneas, há de fato uma crítica a ilusão de que uma antropologia não histórica poderia trazer um futuro melhor para os povos indígenas das Américas e da Oceania.¹ Há também uma convergência quanto a uma crítica à antropologia não histórica, bem como a incapacidade desta em prover um cenário mais compreensivo quanto aos povos indígenas do Brasil e da Oceania. Na realidade, os pontos de vista funcionalista, estruturalista ou hoje dito 'ontológico' cerceiam as sociedades em um eterno presente que não é capaz de dar conta de suas ações, projetos e atos de oposição às forças políticas, econômicas ou religiosas que tentam marginalizá-las, a fim de promover seus próprios interesses. Nossas discussões mostram assim a forte reflexão dos nossos parceiros brasileiros quanto à inadequação de manter uma perspectiva hiper-culturalista que de-historiza situações para construir uma espécie de indianidade ou oceanidade pura que não é capaz de resistir a um exame mais completo dos fatos. Mas se a instrução permanece sendo evitar qualquer essencialização, ela não deve, por sua vez, essencializar as fontes de ação, supondo que qualquer especificidade dos povos indígenas das Américas ou da Oceania possa ser reduzida a uma espécie de universalidade das estratégias. As representações não são essências, mas processos em constante transformação de acordo com as heranças culturais e os contextos. Contrariamente, portanto, a utopia de mundos nativos fechados sobre si mesmos e constituindo totalidades fechadas, utopia fortemente ancorada por uma ideologia científica bem estabelecida nas universidades e nas mídias de ambos lados do Atlântico, apareceu claramente, ao observarmos as publicações produzidas ou em produção dos colegas brasileiros e franceses do projeto, que nós compartilhamos a mesma orientação crítica, ansiosos para descobrir verdades científicas que possam compreender da forma mais adequada as mudanças sociais contemporâneas envolvendo as populações que retêm nossa atenção nesse projeto.

Assim, as questões de relações com as histórias nacionais, o Estado e suas instituições, tanto no Pacífico quanto na América Latina, estarão no centro de nossas investigações sobre as modalidades de ações indígenas em espaços econômicos, jurídicos, escolares, turísticos, religiosos, estão, voluntariamente ou pela força, atualmente inseridos.

O desenrolar das nossas reuniões se deu da seguinte forma:

- Na segunda-feira, 20 de agosto, na UFSB, Porto-Seguro, as atividades estiveram dedicadas à relação entre antropologia e história. Alban Bensa abriu a sessão com uma palestra sobre este tema que foi inspirada, por um lado, por um texto que ele publicou em 2010 e, por outro lado, por sua experiência de pesquisa na Nova

Caledônia kanak, conforme relatado em um trabalho coletivo mais recente. Esta palestra focou em mostrar como a antropologia se dissociou progressivamente da história e da sociologia e quanto essa bifurcação prejudicou a inteligibilidade das práticas observadas. Afirmou-se, assim, a necessidade de uma etnografia histórica inscrita na temporalidade em que os atores se pensam e a exigência de um retorno reflexivo sobre os métodos de restituição da experiência de campo como uma interação entre o etnólogo e seus interlocutores no decorrer de um processo de conhecimento desenvolvido em conjunto.

Em seguida, o historiador brasileiro Francisco Cancela, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), proferiu uma palestra sobre o mesmo tema, destacando os pontos de junção entre história e antropologia.

Em seguida, a palavra foi dada aos estudantes da UFSB, uma universidade que pratica uma política de cotas étnico-raciais. Muitos indígenas estão matriculados e desejam ingressar na UFSB com projetos a longo prazo. Seus discursos lançam luz sobre o espaço universitário, trazendo demandas políticas mais gerais, neste caso desenvolvidas por estudantes Pataxó e Kayapó. Discussões, por vezes acaloradas, acompanharam essas apresentações questionando a relação entre a transmissão do conhecimento e as perspectivas políticas em um contexto em que o surgimento de populações segregadas dentro das universidades não deixa de provocar tensões, até desafios ou mesmo tentativas muito conservadoras de retrocesso. Pareceu-nos que o atual contexto político brasileiro, muito incerto e marcado por numerosas violências institucionais ou diretamente repressivas em relação aos indígenas e às classes popular e média, interpelava diretamente nosso projeto e que algumas analogias poderiam ser feitas com certas situações do Pacífico Sul (em particular Nova Caledônia, Taiti, Austrália).

- Quinta-feira, 23 de agosto, no Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, o dia foi dedicado à relação entre antropologia e história colonial. Alban Bensa fez uma apresentação sobre esse tópico, focalizando em particular a questão do sujeito da história e da ação, e a forma ambas disciplinas pensam tais questões. Ele ressaltou que, se a história colonial tem o grande mérito de pensar o indígena em suas reações à ordem política, administrativa, militar que lhe é imposta, a antropologia por sua vez dá carne aos personagens, colocando-os nos contextos específicos de suas próprias heranças. Multiplicando os exemplos sobre este assunto, Bensa mostrou como o detalhado e profundo conhecimento do ambiente em que as pessoas se definem vem enriquecer o trabalho dos historiadores da colonização. As políticas públicas iniciadas pelas instituições coloniais não minaram os padrões locais de organização. Podemos falar de uma política de estradas ou abastecimento de água sem discutir os usos Kanak das estradas e sem mencionar os poderes dos "senhores da água"? Deveríamos sempre falar de "revoltas" mantendo o termo "guerra" apenas para descrever as ações militares dos vencedores, etc.? A evocação destas questões resultou em intervenções a respeito de abandonar ou não termos como aculturação (Alexandra Barbosa); também sobre o lugar do Índio na construção da história Brasil (João Pacheco em referência ao seu livro publicado em 2016 sobre este assunto); e,

mais amplamente sobre o lugar do antropólogo em debates públicos na França e no Brasil.

- Sexta-feira, dia 24 de agosto, no Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, ocorreu o Seminário Diálogo Brasil e Oceania. Pela manhã, Bensa fez uma apresentação de cunho metodológico e teórico em resposta a questões levantadas desde o início da semana. Voltamos, assim, à tradição da antropologia francesa, sua relação com a filosofia e seus esforços para ascender o mais rápido possível em generalizações, no intuito de identificar princípios universais. Em contraponto, os ensinamentos de Michel Leiris e, especialmente, Balandier, sobre o impacto das situações coloniais na prática antropológica, sobre abertura a uma antropologia do contemporâneo atenta às mudanças e sobre novas atitudes (Augé, Agier) e também sobre o esforço de renovação teórica e metodológica (Fabian, Clifford, Bazin) alimentou um debate que João Pacheco destacou os elementos em jogo. Ele enfatizou a importância de pensar os indivíduos, não considerando-os apenas como portadores de um coletivo. Ele nos convidou, neste sentido, a desconstruir teorias holísticas e refletir sobre a gênese de tais teorias a partir dos primeiros contatos marcados desde o início por um ponto de vista museográfico que "congelou os nativos." As pontos de vistas substantivistas sobre os Índios alimentam os interesses do colonialismo. Portanto, é essencial, nessa perspectiva, articular o debate acadêmico ao debate público e enfatizar como o discurso antropológico deve ser histórico e político.

Esse debate se alimenta de diversos temas de pesquisa, seja a construção de identidades nacionais por meio das imagens e preconceitos relativos aos indígenas, a atenção a ser dada às transformações das relações de gênero, relações com a territorialidade ou a redefinição de formas de cidadania, questões que dizem respeito tanto às investigações etnográficas quanto à elaboração de análises e crenças políticas mais amplas. As discussões revelaram, assim, a necessidade de uma comparação entre a presença forte dos antropólogos brasileiros no debate público e a muito fraca dos antropólogos franceses.

Durante a parte da tarde do dia 24 de agosto ocorreram duas mesas; uma sobre territorialidade e outra sobre coleções etnográficas e museografia.

As três apresentações sobre territorialidade (Thereza Menezes, Sidnei Peres e Fabio Mura) enfatizaram os usos indígenas do espaço em uma perspectiva de manter uma história própria contra as espoliações fundiárias. Fabio Mura sublinhou, assim, como as cosmologias poderiam ser reinstaladas em novos espaços sem que as antigas toponímias locais fossem esquecidas, a ponto de tornar a área florestal, as antigas roças e os assentamentos atuais em uma espécie de palimpsesto muito complexo.

Três palestras sobre objetos etnográficos e suas apropriações centraram-se nos dispositivos de encenação cinematográfica (Marcos Albuquerque), nas coleções de objetos indígenas (Rita Santos) e na trajetória de um objecto Kanak com usos incertos (a "plance à rêve kanak") apresentado por Claude Grin, convidada por João

Pacheco de Oliveira para comentar seu artigo que acaba de ser publicado sobre esta questão.

Ao longo dos dias de nossa estadia, surgiram vários temas de trabalho em comum que discutiremos novamente em Paris, em outubro, durante a passagem de João Pacheco de Oliveira e Pablo Barbosa. Vamos apontar alguns desde já:

- Biografias transversais de indígenas e pesquisadores, examinando alguns casos históricos ou atuais de informantes privilegiados.
- Lugar das pesquisas americanistas e oceanistas na construção de conceitos emblemáticos da antropologia (dualismo, dom, mito, totem, pessoa, autarquia, etc.)
- Antropólogos e o Estado no Brasil, mais amplamente nas Américas (Chile, México, etc) e nas políticas francesas de ultramar.

3. Ata da reunião CAPES-COFECUB, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, Quinta-feira, 23 de agosto de 2018 (à tarde)

Presentes:

- João Pacheco de Oliveira
- Pablo Barbosa
- Rita de Cássia Melo Santos
- Alexandra Barbosa da Silva
- Fabio Mura
- Rafael Andrade
- Edmundo Pereira
- Sidnei Peres
- Mariana Vieira
- Monique Rodrigues Carvalho
- Alban Bensa
- Julie Métails (via Skype)
- Claude Grin

Síntese das discussões

*** Os pontos de convergência** entre as duas equipes francesa e brasileira são numerosos:

- antropologia e história: importância dada à profundidade histórica no nosso trabalho etnográfico;
- etnografia e restituição crítica sobre produção de dados; obras que nos inspiram: James Clifford, Georges Marcus, Jean Bazin;
- compromisso e relação com nossos interlocutores em campo; intercâmbios e discussões com os que estão em conflito; aliança; posicionamento pós-tutelar.

*** Três grandes eixos de trabalho propostos:**

- relações entre populações e estado/políticas públicas, produções e gestão da alteridade e identidade, cidadania;
- memória e questões museológicas e patrimoniais, exposições, coleções, saberes;

- historiografia cruzada da produção e gênese do conhecimento antropológico oceanista e americanista (relação ao Estado, contribuição para o desenvolvimento de conceitos e categorias emblemáticas da disciplina).

* Tendo em vista que o projeto CAPES-COFECUB só financia duas missões por ano para cada equipe, surgiu a ideia de **trabalhar também por pequenos grupos franco-brasileiros**, durante as missões francesas no Brasil, as missões brasileiras na França; mas também via skype, em congressos na Europa e na América. Essa estratégia de se encontrar em congressos pode criar muitas oportunidades de encontro e intercâmbio através da constituição de GTs (no marco de congressos talvez seja mais fácil conseguir financiamento para as viagens)

* Necessidade de desenvolver juntos um **léxico comum**, para que possamos saber mais sobre os métodos, as abordagens teóricas e os dados empíricos e históricos sobre as pesquisas de cada um; por exemplo, vários termos merecem ser discutidos entre oceanistas e americanistas, e mais amplamente dentro da mesma região, como indígena/indigenismo/indigenato/indianidade/autoctonia. Todos esses termos são usados nos contextos das Américas e da Oceania. No entanto, não têm os mesmos significados.

* **Criação de um blog** para facilitar as trocas entre as duas equipes. Falou-se em criar um blog (provavelmente através do sistema Hypotheses, <http://fr.hypotheses.org/>) para facilitar nossos intercâmbios, divulgar nosso projeto e aumentar nossa rede de pesquisadores. Durante a estadia de João Pacheco de Oliveira e Pablo Barbosa no EHESS em outubro, estaremos discutindo o lançamento e alimentação do Blog. Nesse sentido, pedimos a cada um de vocês que nos enviem:

- 2 ou 3 textos que melhor represente suas pesquisas;
- 1 breve sinopse indicando seus principais tópicos e interesses de pesquisa.

4. Próximos compromissos

4.1. Visita de João Pacheco de Oliveira e Pablo Barbosa (final de setembro/meados de outubro)

João Pacheco de Oliveira ficará de 28/09 a 18/10 e Pablo Barbosa de 29/09 a 12/10.

Programa

Sexta-feira, dia 5 de outubro:

- * proposta de reunião de trabalho/almoço das 12h às 14h, reunindo convidados brasileiros e membros da equipe francesa;
- * de 14h a 17h: seminário IRIS para apresentar o projeto CAPES-COFECUB aos membros do laboratório, para depois dedicar à tarde à questão das biografias: João Pacheco de Oliveira apresentaria o projeto "Os Brasis e suas memórias",

<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/>; Pablo Barbosa seus trabalhos sobre Nimuendaju; outros membros da equipe francesa serão solicitados a intervir nessa ocasião.

Segunda-feira, 8 de outubro:

* organização (em andamento) de uma Jornada de trabalho do projeto CAPES-COFECUB no IHEAL sobre novas historiografias do fato colonial segundo uma abordagem cruzada Américas/Oceania. João Pacheco de Oliveira abriria o dia com a apresentação de seu último livro "O nascimento do Brasil e outros ensaios". Convidados chilenos e argentinos de Capucine Boidin e Nicolas Richard de passagem no IHEAL também devem estar presentes. Nós encaminharemos o programa assim que for finalizado.

4.2. Chegada de dois doutorandos brasileiros para realização de estágio sanduíche: Rafael de Andrade e Ciro Barbuda

- Rafael de Andrade trabalha sobre questões relacionadas à exposição em museus de máscaras Karajá, algumas delas foram expostas há alguns anos no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Alban Bensa será seu co-orientador em Paris. Rafael fará uma estadia de 6 meses, entre 01/10/2018 a 31/03/2019.

- Ciro Barbuda, doutorando do PPGES/UFSB (Porto Seguro, BA) trabalha sobre sobreposição de leis fundiárias e ambientais em território indígena. Sua co-orientadora será Marie Salaün. Ciro fará uma estadia de 1 ano, entre 01/11/2018 a 31/10/2019.